

Histórias de Um Novo Mundo - Vida

Capítulo 5 – Grey Star

– Em que consistirá essa conversa? – perguntou Michael.

– Bem, sobre o que vocês desejarem – respondeu Alexander Dolton. Eu serei seu anfitrião esta noite e, como sei que vocês acabam de chegar, far-me-ei mais que seu anfitrião, serei seu informante. Tudo o que quiserem saber sobre este lugar, eu lhes direi.

– É muita gentileza de sua parte, senhor Dolton. Não será um abuso de nossa parte?

– De maneira nenhuma – respondeu decidido.

– Então a primeira pergunta que tenho a fazer é a seguinte: por que o senhor tem tanta bondade em nos ajudar assim?

O anfitrião hesitou um momento, mas logo veio a resposta: – Vocês perceberão logo que não são normais. Refiro-me a vocês dois. Não sei até que ponto, ou ainda, em que consiste essa anormalidade. No entanto, não tenho dúvidas. Vocês dois são pessoas de um potencial incrível, seja ele qual for.

– E por que diz isso?

– Pelo mesmo motivo que todos os que sabem o que sei também dizem o mesmo. Se o senhor Marinville e Sir Ektor os trouxeram aqui de maneira tão inusitada, abrindo uma exceção tão incrível no recrutamento, eu não tenho a menor dúvida de que vocês têm um valor incalculável. E eu quero essas duas pessoas valiosas do meu lado e não contra mim.

Foi a vez de Michael hesitar. Brian, que estava mudo, permaneceu calado. Michael logo deu resposta a esse comentário.

– Eu admiro muito sua honestidade – Michael dizia isso com tom de voz que denotava uma surpresa real e uma dúvida irreparável.

– Obrigado, meu caro. Mas, se estou aqui com a intenção de informar-lhes, não seria inteligente começar essa missão com uma mentira.

As maneiras, a voz, a expressão, os movimentos do corpo. Tudo em Alexander Dolton indicava alguém que tinha um domínio admirável de si mesmo.

– Bem – continuou –, sentemo-nos. Venham comigo, senhores.

Sem dizer mais nada, conduziu os recém-chegados a uma mesa vazia. Uma mesa simples, aparentemente de madeira, coberta de um tecido branco que aparentava ser de algum valor. Michael pensou que eles se sentariam na mesa principal, de onde Dolton viera. Era uma mesa grande, retangular, que comportava no mínimo 15 pessoas, enquanto a mesa onde ficaram comportaria no máximo 4.

Sentando e fazendo sinal para que um dos garçons servisse a mesa fartamente, Alexander Dolton continuou a conversa que iniciaram na entrada.

– Que gostariam de saber, meus amigos?

– De uma maneira geral – era Brian quem perguntava agora –, como funcionam as coisas aqui?

– Interessante. Uma pergunta cuja resposta não poderá ser curta, mas vou fazer uma síntese. A Fundação Levine é presidida por Sir Ektor Levine. Ele tem a palavra final em todas as decisões, seja de qual área for. Depois dele, o senhor Marinville tem a palavra final. Num terceiro patamar, existem três homens que cuidam da fundação de uma maneira mais direta, seus nomes são: Neville Trusten, Carlin Adams e, meu pai, Jonathan Dolton.

A mente de Michael agora era capaz de entender muitas coisas. Se o pai de Alexander Dolton é alguém de tanta influência na organização, é de se supor que o filho

seja um tanto respeitado no grupo. Isso explica a festa elegante. É pelo pai dele que tudo aquilo lhe era permitido. Mas até que ponto isso seria verdade? Tudo que Alexander Dolton faz indica alguém dominante sobre si mesmo, e tal pessoa não poderia ser um qualquer, ao menos é o que Michael pensou.

– Existem também os instrutores – continuou. Cada uma das artes que são praticadas aqui tem um instrutor respectivo. Meu pai é o instrutor de música, é a única pessoa na fundação que tem a honra de ouvir Sir Ektor lhe reconhecer como superior. Claro, superior na música apenas.

“Neville Trusten é o instrutor de judô e Carlin Adams, o instrutor de atletismo. Nem Sir Ektor, nem o senhor Marinville são instrutores. Existem ainda outros 14 instrutores nessa fundação, cada um deles é respeitado e tem um determinado poder de mando. Assim, essas 19 pessoas coordenam e tem quase todo o poder nessa fundação.”

– E por que apenas quase? – perguntou Michael em seguida.

– É aqui, meu caro, que entra o meu interesse em lhes servir esta noite. Existem redes informais entre as demais pessoas que vivem aqui, como eu falei mais cedo ao seu irmão. Atualmente, mais de 200 formandos vivem aqui. Todos devem obediência a Sir Ektor e aos demais dirigentes, mas o que acontece é que nem todos os formandos se dão muito bem entre si. Existe uma certa desavença que é permitida pelos dirigentes para que os formandos não se permitam acreditar em um mundo paternal, onde alguém lhes dará uma solução para o seu problema. Se você não fizer algo, não procurar ser melhor e não se juntar com as pessoas certas, você terá dificuldades.

Michael podia entender aquilo. Fazia muito sentido. No entanto, causava-lhe repulsa essa ideia. Colocar pessoas assim, umas contra as outras, não parecia algo “educador” para ele. Ao ver a expressão de Brian, percebeu que o irmão deveria compartilhar uma opinião parecida.

– Eu sou uma das pessoas mais influentes na fundação. Sendo assim, muitos outros formandos juntaram-se a mim para formar um grupo, do qual eu sou o líder. O único objetivo desse grupo é fazer com que a vida de todas as pessoas que estiverem conosco seja melhor.

– Uhm... Simples assim? – interrompeu-o Michael.

– Sim. Simples assim.

– Então continue, por favor.

– Acredito que já respondi a pergunta que me foi feita. Qual é a próxima?

– Não. Engana-se, meu caro. Ainda não respondeu minha pergunta completamente – disse Brian. Essa é uma faceta de como as coisas funcionam aqui, eu acredito. Mas o que mais? De que a fundação sobrevive, além do patrimônio de Sir Ektor? Não somos tolos, é claro que existem crimes por trás das atividades dessa organização. O dinheiro que mantém esse lugar não vem apenas dos patrocínios que os jovens daqui recebem de empresas para levar o nome delas às competições. Também não vem apenas da venda de softwares desenvolvidos na área de computação que existe na organização. E, é claro, a fortuna de Sir Ektor pode ser grande, mas não é grande o suficiente para manter tudo isso. E somamos isso com o fato de termos conhecido Marinville quando ele realizava um roubo... bem, as atividades dessa fundação com certeza não são apenas o que parecem ser.

O silêncio se fez no instante que Brian se calou. Alexander Dolton, ainda senhor de si, não parecia que negaria nenhuma de todas as afirmações que Brian fez, e realmente não negou. Seu rosto parecia o de alguém que pensava apenas em uma maneira prática de explicar o funcionamento dessa outra parte mais sombria da organização.

– É difícil explicar. Principalmente porque eu não integro muitas das missões, então só posso falar com segurança daquelas que eu participei e de algumas conclusões que cheguei ao refletir sobre diversas cenas exóticas que aconteceram.

– Pois bem. Por favor, conte-nos – pediu Brian.

– Você está correto em acreditar em todas essas coisas, meu caro Brian Makoto. A Fundação Levine é uma organização gêmea. Sua irmã chama-se Grey Star. É uma das organizações criminosas que mais tem influência sobre o mundo todo. Eu não sei quais os limites dessa influência, tampouco quais as ações que ela atinge em sua totalidade. Sei apenas que a Grey Star tem participação em diversas áreas do crime organizado mundial.

– E todos os formandos aqui participam dessas missões?

– Não. Os instrutores são os que realmente podem ser os braços da Grey Star. No entanto, qualquer formando mais preparado pode ser enviado para certas missões como apoio. Sempre missões mais simples. Eu mesmo só participei de 7 e, aparentemente, apenas uma delas era uma missão de risco acentuado. Mas, observem, é bem comum que formandos participem das missões. Em quase todas que conheço, geralmente há participação de alguns formandos. Acredito que apenas as de risco mais acentuado são exceção. Por exemplo, não sei o que roubaram, mas não haviam formandos participando da missão na qual o senhor Marinville encontrou vocês.

Mais uma vez, fez-se um curto silêncio.

– Você acredita que está tudo bem em nos contar tudo isso? – questionou Brian.

– Sim, não faz mal nenhum. Se vocês estão aqui, é porque o senhor Marinville não vê mal nisso. É claro que ele sabe que vocês acabarão descobrindo tudo mais cedo ou mais tarde.

Isso era realmente verdade. Mas Michael não conseguia entender muito bem como isso poderia ser verdade. Já nem se tratava mais do suposto valor altíssimo que eles dois teriam. Será que Marinville acreditava tão piamente ser capaz de impedir qualquer esforço, por parte dos irmãos, para desbancar a organização criminosa na qual acabavam de entrar? Em que se baseava toda a confiança desse homem para arcar com um risco tão alto? Não importava o valor, Michael entendeu que o risco era simplesmente alto demais. Isso lhe fez lembrar de um dos homens da Interpol – era o que ele imaginava que os dois homens no hotel em New York fossem –, um dos dois que falaram com seu pai e seu tio Ben, ele disse o mesmo: o risco é simplesmente alto demais.

Michael entendia isso agora. Ele, seu irmão e seu pai, os três estavam em apuros. Fosse o que fosse, Marinville e Sir Ektor tinham algum ás na manga. E Michael não conseguia ver um cenário seguro quando esse ás fosse lançado na mesa. Talvez o melhor fosse dançar conforme a música da organização, sim, talvez. No entanto, por quanto tempo isso seria seguro?

– Que mais gostariam de saber? – perguntou Dolton.

– Quem são os formandos influentes aqui? Além de você? – perguntava Brian.

– Christian Levine é um dos mais conceituados. Claro, é o herdeiro de Sir Ektor.

Ele está junto comigo. Há também Maximillien Cunt, que é o líder do outro grupo.

– Somente vocês?

– Exato.

– Todos os formandos estão, portanto, divididos entre esses dois grupos?

– Não. Somos os mais influentes, é verdade, mas existem aqueles que preferem ficar sós. Ou ainda, outros que preferem formar grupos de 3 ou 4 pessoas.

– Eles não gostam de você, nem do tal Cunt.

– Precisamente.

Michael não queria fazer esta pergunta, mas julgou que seria uma boa maneira de descobrir uma coisa ou outra.

– O que você pode me falar sobre Carol Adams? – perguntou Michael num tom decidido, ao qual Alexander Dolton mostrou uma certa surpresa, que logo cessou.

– Compreendo – falou isso como se falasse para si. Você se interessou pela Carol – agora já falava olhando diretamente para Michael.

– Isso é um problema?

– Talvez. Não para mim, veja bem. Talvez seja um problema para outro.

– O jovem mestre influente Christian Levine?

– Precisamente.

– De qualquer forma, pode me falar sobre isso?

– Deixe-me ser direto: Christian Levine é apaixonado por Carol. Ele ama a beleza dela, ama o talento dela, a ama de uma forma total. Não sei se podemos dizer assim, mas se já estamos dizendo... O fato é que Carol não parece nutrir por ele o mesmo sentimento, embora sejam muito amigos.

O anfitrião continuava a olhar diretamente os olhos de Michael, os quais denotavam um nítido interesse pelo assunto.

– O que quero dizer – continuou Dolton – é que talvez Carol até possa se interessar por você. Não sei dizer se irá, mas é uma possibilidade, já que ela não se interessa por Christian. No entanto, meter-se com Christian Levine pode lhe causar problemas.

– Tudo bem. Já entendo o que preciso por enquanto.

E ao dizer essas palavras, Michael levantou-se da cadeira.

– Já vai? Já deu nossa conversa por encerrada? – questionava Dolton.

– Por enquanto sim. Obrigado por todas as informações. Você foi sincero conosco, então também serei: não sei se posso confiar em você e, sendo completamente sincero, sinto que não gosto muito de você, meu caro.

O rosto de Alexander Dolton esboçara um leve sorriso em resposta a essas palavras.

– Tudo bem – disse. Eu compreendo. Tire suas próprias conclusões de tudo. Dentro de alguns meses você já terá uma ideia de tudo o mais nessa fundação. Meu caro, Brian, a você também digo o mesmo. Pensem bem e façam como acharem melhor. Já que nossa conversa se encerrou por aqui, me retiro para meu lugar e os deixo aproveitando o restante da comemoração. Fiquem à vontade.

Assim que Alexander Dolton se retirou para a mesa principal da qual viera, Brian interrogou o irmão: – O que você acha dele?

– Eu acho que ele fala a verdade em tudo o que nos disse, mas não disse toda a verdade.

– Eu acho o mesmo. Mas, ainda mais importante, eu acho que não nos daremos bem com ele. Se nos juntarmos de algum modo ao grupo dele, teremos de seguir as regras dele.

– Eu não acho que seria prazeroso para você ou para mim. Eu realmente não fui com a cara dele.

Michael ainda estava cansado do treinamento com a aura. O sono do qual se privou por dois dias o estavam forçando a um ponto em que ele não conseguia mais concentrar-se no domínio da aura de maneira adequada. Embora não se arrependesse de ter ido à festa, pois aprendeu muito, seu corpo implorava por descanso e ele não poderia tardar muito mais.

No momento em que procurou a saída, pensava apenas em dormir, em descansar. Ele não imaginou que esses planos seriam frustrados, e imaginou ainda menos que ele ficaria feliz por ter seus planos frustrados dessa maneira.

Era Carol Adams que vinha em sua direção. Pelo visto, ela estava chegando na festa nesse exato momento e deu de cara com Michael Makoto.

– Olá! – disse ela ao se aproximar. Então teve tempo de conhecer Alexander?

– Sim, já conheci ele. Como vai você?

– Muito bem. E você?

– Um pouco cansado, eu confesso, mas estou contente por ter encontrado você de novo.

A pele clara de Carol não poderia disfarçar o leve rubor que lhe passou pelas bochechas nesse momento, assim como o cansaço de Michael não poderia ser grande o suficiente para impedi-lo de notar isso.

– Já está melhor em relação ao seu trabalho para o campeonato?

– Não, ainda continuo com a mesma dificuldade que lhe falei. Ainda não sei o que fazer.

– O que Christian acha que é melhor?

Embora Michael tenha tentado com todas as forças falar tais palavras sem parecer inoportuno, o olhar de Carol mudou ao ouvir isso. Ela pensou um pouco antes de responder.

– Ele acha... bem, ele acha que eu devo mesmo criar uma tela do jardim principal. Ele acha que eu tenho o talento certo para isso.

– E você não concorda muito com isso, certo?

– Bem, eu continuo sem acreditar que eu possa reproduzir a essência daquele lugar em uma tela. O campeonato vai acontecer em maio e eu ainda não sei bem o que fazer sobre isso.

– Eu gostaria de vê-la pintando o jardim. Será que poderia?

– Hã... sim, mas...

– Não se preocupe. Só verei e ficarei calado. Você não precisa usar a tela para participar do campeonato.

O olhar dela, dessa vez, pousou sobre os olhos de Michael.

– Amanhã – disse ela.

– Amanhã?

– Sim. Logo depois do almoço. Tudo bem?

– Por mim, tudo ótimo.

– Agora vá descansar – o tom de voz dela mudou para falar isso. Você disse que está um pouco cansado, mas dá pra perceber que você está quase caindo.

– É que...

– Se você não descansar, como vai conseguir observar por algumas horas enquanto eu trabalho numa tela?

Dizendo isso, ela começou a andar na direção da mesa principal.

– Não esqueça de mim amanhã! – falou ela quando já havia dado um passo.

– É claro que não – disse ele baixinho.